

A ESOFAGECTOMIA MINIMAMENTE INVASIVA COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA PARA O CÂNCER DE ESÔFAGO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

Introdução: O câncer de esôfago constitui a sexta neoplasia mais comum em homens no Brasil e apresenta altos índices de mortalidade e baixa expectativa de vida. O padrão histológico mais comum é o carcinoma espinocelular, presente em mais de 90% dos casos. Nos pacientes em que o tumor invade a camada muscular da mucosa, sem a presença de metástases à distância, a esofagectomia é o manejo cirúrgico mais adequado. **Objetivo:** Apresentar e descrever a melhor escolha terapêutica para o câncer esofágico. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura descritivo-exploratória baseada em dados coletados das plataformas *Scielo* e *Pubmed*. **Resultados:** O tratamento do câncer esofágico tem se tornado cada vez mais eficaz devido aos avanços das técnicas cirúrgicas, ao uso adequado de terapia neoadjuvante e à abordagem multidisciplinar. A esofagectomia minimamente invasiva (EMI) é um procedimento menos traumático, que permite maior visualização do campo, simplificação dos cuidados pós-operatório, menor incidência de complicações após a cirurgia, hospitalização mais curta, maior sobrevida dos pacientes e reinserção social mais rápida. Em contraste, segundo estudos da *American Society of Anesthesiology* (ASA), essa técnica está associada a algumas complicações pós-operatórias imediatas, como o comprometimento cardiorrespiratório e fistulas anastomóticas. As principais técnicas que foram impostas na prática atual são: esofagectomia de três estágios por meio da abordagem toracoscópica, laparoscópica e cervical de McKeown; esofagectomia em dois estágios modificada de Ivor Lewis e esofagectomia transhiatal por Orriger modificado. A técnica tripla é a mais utilizada por fornecer um bom campo visual para linfadenectomia mediastinal e realizar a anastomose em nível cervical, evitando vazamento anastomótico intratorácico. Estudos comparativos revelam que pacientes submetidos a EMI relataram menos astenia e menor intensidade de dor associada a sintomas gastrointestinais em comparação com a esofagectomia aberta. **Conclusão:** Apesar das complicações evidenciadas, a EMI é a melhor opção terapêutica para o câncer esofágico.

Palavras-Chave: Câncer esofágico; Cirurgia minimamente invasiva; Esofagectomia.